

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)
e outras arquiteturas

ORGANIZAÇÃO

Luciana Saboia
Ana Elisabete Medeiros
Paola Ferrari

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)

e outras arquiteturas

EDITORA



UnB

Coordenação de produção editorial

Revisão

Diagramação

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Mariana Donner

Mônica Luce Bohrer

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar

Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF

CEP: 70910-900

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

P964

Projeto, ensino e espaço universitário [recursos eletrônico] : o Instituto Central de Ciências (ICC - UnB) e outras arquiteturas / organizadoras, Luciana Saboia, Ana Elisabete Medeiros, Paola Ferrari. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2023.
293 p.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-092-3.

1. Universidade de Brasília. Instituto Central de Ciências. 2. Arquitetura. 3. Campi universitários. I. Saboia, Luciana (org.). II. Medeiros, Ana Elisabete (org.). III. Ferrari, Paola (org.).

CDU 727:378.4

Sumário

Apresentação | *Luciana Saboia Fonseca Cruz e Ana Elisabete de Almeida Medeiros* 7

PARTE 1 | Projeto e Ensino: a universidade de Brasília e outras arquiteturas no Brasil

1. Da gênese e magnitude da praça | *Matheus Gorovitz, Maria Cláudia Candeia de Souza* 18
2. Grelha modular na ilha artificial: O projeto da Cidade Universitária no Rio de Janeiro e o ensino de arquitetura | *Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu* 34
3. O Campus Joaquim Amazonas da UFPE: criação, consolidação, desafios atuais e perspectivas | *Fernando Diniz Moreira* 44
4. A Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o ensino e a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (1940/1960) | *Sérgio Moacir Marques* 62
5. Da megaestrutura à estrutura mínima: o sistema básico da Universidade Federal de Minas Gerais | *Carlos Alberto Batista Maciel* 84

ICC | Caderno de imagens 95

PARTE 2 | O Instituto Central de Ciências: projeto, construção e vivência

6. O instituto de Niemeyer | *Andrey Rosenthal Schlee* 152
7. Planos e projetos do Instituto Central de Ciências, 1963/2013 | *Cláudio Oliveira Arantes* 184
8. A complexidade da síntese | *Elcio Gomes da Silva, Juliano Caldas de Vasconcellos e José Manoel Morales Sánchez* 202
9. Projeto e questões ambientais: percorrendo o Instituto Central de Ciências | *Cláudia Naves D. Amorim, Caio Frederico e Silva e Guilherme D. Sales* 222
10. O ICC como espaço museológico | *Reinaldo Guedes Machado* 240
11. Berçário de inovação e integração de saberes | *Frederico Flósculo Pinheiro Barreto* 252

CONSIDERAÇÕES FINAIS | Projeto e memória: (re)configurações do ICC

12. O Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília: pedagogia e megaestrutura | *Paola Caliani Ferrari Martins* 266

Índice remissivo 279



Berçário de inovação e integração de saberes

FREDERICO FLÓSCULO PINHEIRO BARRETO

INTRODUÇÃO

O ponto de partida para o capítulo do Berçário, como metáfora para o significado e o efetivo papel desempenhado pelo Instituto Central de Ciências (o grande edifício de 749,16 metros de comprimento, considerando a fachada Oeste, que protagoniza o presente artigo), é o Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro, de 1998 – trabalho de que participei, elaborando a integralidade de seu texto e ilustrações.

Esse seria o primeiro plano a englobar todo o histórico Campus, desde sua fundação. O trabalho de sua elaboração permitiu o exame pormenorizado da organização, dos mecanismos decisórios da UnB e da evolução da universidade até aquela época – final dos anos 1990 –, assim como a familiarização com boa parte da documentação relevante para os cogentes planos de gestão da Universidade.

Para muitos, até mesmo para a maioria dos docentes e dirigentes universitários, nossa universidade é uma imensa e insondável caixa-preta, em vários sentidos: político, administrativo, social – e até mesmo acadêmico, arquitetural, em sua mais objetiva fisicalidade. Não deveria ser, não se admite que seja, mas, com o passar do tempo, com a submissão às fortíssimas pressões de adaptação ao meio institucional mais amplo do universo do Poder Executivo, com a criação de subcomunidades de poder e saber, com as oportunidades de adquirir prestígio em instâncias que comandam políticas públicas, com a credibilidade de uma instituição destinada à construção do conhecimento científico e das mais precisas e utilitárias tecnologias, a universidade se torna um labirinto de

labirintos. Ou seja: algo que dificilmente se assemelha a um caminho integrador, solidário e humanitário, como sua maior edificação parece indicar com sua arquitetura impressionante: um caminho longo e majestosamente implantado sobre a declividade que forma, adiante, o Lago Paranoá.

Essa consideração é feita para que o leitor entenda as poderosas contradições que estão presentes no continuado processo de produção, uso, adaptação e readaptação dos espaços físicos de nossa universidade. Desse ponto de vista, de um modo muito amplo e impreciso, mas útil ao esclarecimento da discussão do Berçário de Inovação e Integração de Saberes, podemos propor a existência de formas arquitetônicas fortes – por sua grande extensão, por sua constituição estrutural e construtiva fortemente redundante e coerente, por sua implantação privilegiada, por sua definição geométrica e compositiva –, que impõem os mais importantes constrangimentos a tudo aquilo que nela habite, e que deseje, em contrapartida, mudar essa relação de habitação. As formas arquitetônicas menos fortes, ou até mesmo fracas, não possuem essa resiliência, essa resistência literalmente física a mudanças progressivas de seu uso. Na verdade, o que parece ser sua fraqueza é exatamente o que permite a flexibilidade de usos, a sua adaptabilidade à emergência de novas atividades e formas de organização. Nosso modernismo arquitetônico apoia essa capacidade adaptativa das edificações, as plantas livres, os escritórios e salas de trabalho panorâmicas, os laboratórios de extrema versatilidade. Contudo, a capacidade de adaptação e a transformação da forma podem encontrar vários pontos de equilíbrio dinâmico ao longo da evolução das organizações humanas que abriga – e algo realmente digno de nossos estudos, de nossa pesquisa arquitetônica, acontece quando a evolução da função (isto é, dos padrões de atividades) passa a ser inspirada por determinada forma arquitetônica de grande força – física, simbólica, ambiental. Esse parece ser o caso do ainda surpreendente Instituto Central de Ciências. Nesse caso, o principal fator de inspiração parece ser o próprio conceito original da grande edificação concebida por Oscar Niemeyer em sua apaixonada interação intelectual com o principal criador da UnB, Darcy Ribeiro (1922-1997).

O VISIONARISMO DE LAURO MORHY (1940-2016)

O conceito do Berçário de Inovação e Integração de Saberes está radicado na proposta de trabalho do reitor Lauro Morhy – este capítulo é também homenagem à sua memória – de expansão da universidade com base

em inovações (compreendidos desde empreendimentos de estudantes sob orientação, escritórios-modelo, startups e empresas em incubação, até laboratórios e observatórios em novos campos do conhecimento); seu nascimento se daria preferencialmente no grande espaço do ICC, de onde, como as crianças que se desenvolvem e partem para seus próprios processos de amadurecimento e sustentação, sairiam para o mundo, para novas sedes no grande Campus e na cidade.

Contudo: seria essa uma boa concepção? Esse lugar especial – que teria o papel de estimular e desenvolver experimentos acadêmicos, iniciativas para laboratórios sociais, para laboratórios científicos – realmente funcionaria como instância seminarizadora e integradora da comunidade universitária e da comunidade da cidade, de interessados e visitantes? A permanente diáspora de iniciativas amadurecidas e autossustentadas iria ao encontro desse ideal de integração.

Em 1998, quando houve a decisão pela elaboração do Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro, pelo então Reitor Lauro Morhy, a aglomeração das principais faculdades e institutos em torno do Instituto Central de Ciências foi tomada como o ponto de partida para diretrizes do continuado ordenamento físico de sua área de influência – e do próprio ICC –, pelas décadas vindouras. Pela primeira vez uma solução que considerava a integralidade do grande Campus Darcy Ribeiro foi considerada numa única composição. É importante examinar esse extenso documento para a discussão mais aprofundada dos fundamentos dessa momentânea concepção de 1998 – e de como a sua gestão nestes 20 anos subsequentes se afastou desse ideal “Darcisista” de integração das áreas universitárias – nos sentidos de sua fisicalidade e intelectualidade.

A NOVA, INOVADORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – A ORIGINAL (1961)

As políticas universitárias dos anos que se seguem à criação da UnB tornaram difícil a realização desse ideal Darcisista – ou, em boa parte, o frustraram. O ICC, de modulação físico-funcional que permite grande flexibilidade de uso, acabou por absorver a maioria das Unidades Acadêmicas, chegando-se até mesmo a utilizar seus subsolos (adequados somente para depósitos e uns poucos laboratórios de apoio) para o funcionamento de salas de aulas.

Gosto de dizer, para divertir os amigos, que foi por preguiça que Oscar projetou o Minhocão tal qual ele é: 680 metros de comprimento por 80 de largura, em três níveis. A verdade que há nisso é só que Lucio Costa previa no plano urbanístico do campus da UnB oito áreas para os Institutos Centrais, cada uma delas contando com edifícios especializados para anfiteatros, salas de aula, laboratórios, departamentos, bibliotecas, etc. No total, somariam para mais de quarenta edificações que deveriam ser projetadas e construídas uma a uma. Oscar resumiu tudo isso num edifício só, composto por seis modalidades de construção, que permitiriam acomodar num conjunto qualquer programa de utilização. Ao fazê-lo, porém, renovava a arquitetura das universidades, dando um passo decisivo, no sentido do que viriam a ser, depois, as universidades que ele desenhou pelo mundo (RIBEIRO, 1978, p. 38-39).

Darcy Ribeiro desejava uma universidade capaz de integrar criticamente todos os campos do conhecimento e da expressão humanas, bem distinta da universidade tradicional, como já estava instalada nas principais cidades do Brasil. Em oposição à universidade das Faculdades e Institutos isolados, a universidade “central”, integradora. Assim, Darcy e sua equipe conceberam os instigantes Institutos Centrais: Ciências, Letras, Artes.

A discussão do conceito do Instituto Central de Artes, em especial, teve o pouco lembrado protagonismo do professor arquiteto Alcides da Rocha Miranda (1909-2001), que vem ter a Brasília como arquiteto do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com vínculos com o Ministério da Educação. Certamente essa ideia de integração do ensino de Arquitetura e Urbanismo ao ensino de artes devesse ser discutido em maior profundidade – como interessante desdobramento da discussão preliminar aqui proposta, em outra oportunidade –, dado que essa integração das artes plásticas e visuais feita através de extraordinárias obras de arquitetura concebidas por Oscar Niemeyer (1907-2012) é uma das mais importantes características da Nova Capital.

O INSIGHT DE NIEMEYER-DARCY

O grande prédio do ICC foi a dedução operada pelo gênio de Oscar Niemeyer, a partir do conceito de integração, de educação integral e não dividida em faculdades isoladas, em institutos isolados, em isolamentos: uma edificação de quase 700 metros em sua maior extensão, que abrigaria as principais unidades acadêmicas da jovem universidade que nascia.

Sobre a criação de Niemeyer, escreveu Darcy:

O projeto do Instituto Central de Ciências de Brasília – que todos chamamos Minhocão – constitui uma das melhores criações de Oscar Niemeyer. Frente a ele, ou ao que seria ele no futuro, e apenas se podia adivinhar no que estava construído em 1963, é que o Marechal Tito me perguntou, certa vez, como é que conseguíamos de nossos arquitetos que não fizessem bolos de noiva como os dele. Oscar, expliquei, fez tantos palácios que, agora, está predisposto a inventar formas mais simples. De fato, em sua simplicidade, com grandeza, o Minhocão é o antipalácio; mas ainda assim, ou por isso mesmo, é um dos mais belos edifícios do mundo. (RIBEIRO, 1978: Pg. 38).

Desde aquele momento já ficava clara a vocação do ICC: seria o espaço central de convívio e produção acadêmica e intelectual, berçário de ciências e artes, desde onde novas áreas de estudos surgiriam e amadureceriam, partindo para novos espaços em um grande campus concebido para a integração e não para a separação, para a soma de isolamentos. O ICC nasce como um signo de uma universidade nova, capaz de integrar conhecimentos, de gerar pessoas ativamente produtoras de conhecimentos inovadores, de posturas inovadoras, autoconscientes, autosustentadas. Esse era o significado desse signo. Sua trajetória foi interrompida (SALMERON, 1999).

AS GRANDES PEÇAS DE AGLUTINAÇÃO – E SEUS CONTRÁRIOS

Esse conceito do Berçário de Inovação e Integração de Saberes é desdobramento da concepção original da Universidade de Brasília, apesar de sua evidente centrifugacidade – de pretender originar novas iniciativas acadêmicas em ambiente protegido, mas de lançá-las ao mundo tão logo estejam em condições de manter-se – parecer ser o exato oposto do ideal original de integração das áreas do saber em grandes estruturas com o Minhocão (alrunha do grande edifício).

O projeto físico e a localização dos edifícios, tal como proposto e executado à época, criaram um núcleo de ocupação em meio à grande gleba concedida para a sua fundação. Contudo, essa configuração inicial perdeu sua força com a construção de novas edificações em volta desse poderoso centro, do ICC: o padrão de distribuição dos novos edifícios, até os dias de hoje, assemelha-se à proposta de Lucio Costa; são edifícios isolados, que formam um cada vez mais extenso e fragmentado labirinto.

No Plano Diretor do Campus Universitário Darcy Ribeiro, de 1998, cogitou-se a formação de percursos que tomavam a longa circulação do ICC como o principal eixo estruturador de caminhos de pedestres por todo o Campus, longitudinalmente, desde sua extremidade Sul até sua extremidade Norte – cerca de 4 quilômetros de extensão, sem entrar no Arboreto. Esse percurso seria estruturado por pelo menos mais DOIS Minhocões, grandes edificações lineares de excelente acessibilidade, contendo centenas de módulos para laboratórios, salas de aula, e mesmo instituições como museus e conservatórios, assim como teatros e cinemas universitários. A ideia estruturadora inicial, em torno do grande ICC, seria preservada, e todo o Campus adquiriria uma nova e poderosa configuração espacial, privilegiadora do percurso pedestre.

Essa ideia foi logo descartada, pelo menos no Setor Sul do Campus, que já tinha sua ocupação e parte de seu arruamento iniciado, segundo traçado atribuído ao professor Paulo de Melo Zimbres, nos anos 1980. Esse traçado do Setor Sul acentua a dispersão das edificações e a criação de um espaço bem menos estruturado do que aquele inicialmente cogitado pelo principal autor do Plano Diretor do Campus Universitário Darcy Ribeiro, de 1998. Especula-se que esse traçado condenaria o Setor Norte do Campus da UnB à fragmentação de sua desejada unidade arquitetônica, à eclosão de formas edificadas desintegradas e sem nexos, implicando perda de qualidade dos espaços do Campus – caso não seja objeto de renovados estudos e modificação.

Por outro lado, no ainda pouco estruturado Setor Norte, foi aceita a proposta de criação de grandes unidades (como, digamos, quarteirões) que se alongavam no sentido longitudinal do eixo de circulação pedestre que atravessaria todo o Campus: são as Unidades SN-9, SN-10 e SN-11.

Numa dessas unidades – preferencialmente a SN-9, situada ao longo da via urbana L4 – poderemos construir uma edificação à semelhança do grande ICC, contendo uma grande variedade de setores acadêmicos, científicos e de serviços, integrada aos percursos internos de circulação por todo do Campus. A posição da Unidade SN-9 é excelente para a visão do Lago Paranoá e para seu acesso independente pela via L4, sem que se precise penetrar no sistema viário interno do Campus. Será lamentável, digamos, estragar essa implantação com a construção de uma série de edificações desconectadas.

Essa diretriz de organização física de forma alguma impede a construção de edificações isoladas (para as unidades que saíssem dos berçários

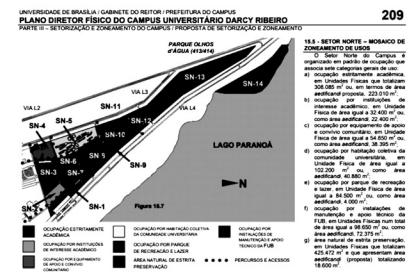


Figura 1 – Página 205 do Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998), em que a análise do Setor Sul do Campus é iniciada.

Figura 2 – Página 209 do Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998), em que a análise do Setor Norte do Campus é iniciada. Suas unidades são longas e permitem a construção de edificações com extensas galerias.

universitários), mas as concepções isoladas seriam estruturadas pela presença de grandes edificações estruturadoras, que ainda funcionariam como feixes de redes e da infraestrutura de todo o Campus. Contudo, as regras de composição dessa nova arquitetura do Campus não foram lançadas pela criação de Niemeyer, no ICC; temos que deduzi-las.

Nossa advocacia, neste capítulo, é de que a formação de caminhos através das edificações, de forma associada a uma variedade de padrões de concentração, de verticalizações e de articulações na ampla gleba, deve ser feita com a criação de amplas áreas livres – como Praças Maiores em diversas escalas. Mas essa composição parece ser cada vez mais impossível de alcançar, na atualidade e no futuro próximo.

A FRUSTRAÇÃO DAS IDEIAS DE INTEGRAÇÃO ESPACIAL E DOS SABERES

Ao longo das décadas de 2000 e 2010, com o afastamento da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo das funções centrais de planejamento e projeto do Campus, a instância central da própria reitoria assumiu essas funções, gerando uma série de obras isoladas que foram espalhadas por grande perímetro da área do Campus, expandindo o núcleo protagonizado pelo ICC. Essas novas edificações atendem a demandas desarticuladas, de modo a serem implantadas numa espacialidade de dispersão e desconexão – além de terem padrões de arquitetura de pouca elaboração e expressividade. A julgar pela produção própria dessas últimas décadas, a UnB perdeu a força e a inovação de suas propostas, e tem criado uma nova espacialidade que não lembra a beleza e o talento de suas edificações fundadoras, de sua encantadora espacialidade original. Pior, é uma espacialidade de desagregação e de difícil leitura e acessibilidade. Os labirintos dentro de labirintos parecem caracterizar esse duro período.

É ainda mais desabonador constatar que pelo menos um novo conjunto de edificações – inclusive o Instituto de Ciências Biológicas – que concebida para criar um eixo de pedestres que se estenderia desde o final do ICC (sua extremidade sul) e daria a oportunidade para que esse eixo fosse continuado pelo desolado Setor Sul do Campus, foi deslocado, desastrosamente. Esse eixo foi frustrado de forma inaceitável e autoritária, para dar lugar a mais uma edificação isolada e sem comunicação com as demais (o chamado Bloco de Salas de Aulas Sul).

O ICC É UMA IMPORTANTE METÁFORA PARA A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Acredito que a UnB não pode cometer o erro de entender o ICC como uma obviedade, um dado da natureza – como apenas um grande edifício do passado, algo a ser venerado e respeitado, mas apenas isso. Devemos atentar para essa poderosa metáfora da integração dos saberes, de abrigo e plataforma de inovações. O planejamento das espacialidades futuras deveria:

1. Considerar o modo como podemos integrar percursos físicos e ricos padrões de atividades acadêmicas, de encontro e convívio das ciências e das artes, das práticas sociais e eventos que eletrizem a cidade; e

2. Considerar o Campus como um todo, como uma unidade física a ser trabalhada de forma sistêmica – em que cada parte altera e transforma o todo – e não como um vazio a ser aleatoriamente preenchido por obras de oportunidade, nascidas de demandas raramente planejadas, de rara antecipação.

Além disso, devemos ter em mente o protagonismo que a Universidade de Brasília deve ter, como a universidade pública da capital do país, prevista em seu plano urbanístico – o que a torna elemento fundamental, constitutivo de Brasília.

A própria universidade é Berçário de Novas Universidades, de novas e inovadoras práticas e integrações de saberes. Sua arquitetura deve ser de ponta: inovadora e experimental, radicalmente criativa – ao mesmo tempo que fundamentada nas lições aprendidas com cada experimento já feito. Essas duas últimas considerações podem ser abordadas em outras obras, como o presente livro.

A concepção arquitetônica da grande edificação que foi denominada Instituto Central de Ciências corresponde à crença de Darcy Ribeiro na forma da nova universidade que deveria ser instalada em Brasília – tal como previsto no Edital do Concurso Nacional para o Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, e reafirmado na proposta vencedora, de Lucio Costa (COSTA, 1999).

No item 9 de sua cuidadosa explanação das características da Nova Capital do Brasil, Lucio Costa descreve a organização do grande conjunto da Esplanada – inclusive a Praça dos Três Poderes. Ao final do item, numa longa oração, o urbanista coloca:

Os [Ministérios] das Relações Exteriores e Justiça ocupando os cantos inferiores, contíguos ao edifício do Congresso e com enquadramento condigno, os minis-

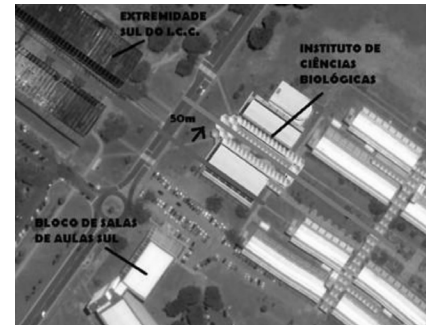


Figura 3 – Quebra do eixo originalmente definido para as circulações do ICC e do Instituto de Ciências Biológicas (inaugurado em 2010). Essa quebra foi movida pelo desejo de criar posição mais eminente para o Bloco de Salas de Aulas Sul (inaugurado em 2013), e demonstra as deletérias contradições nas decisões tomadas nos projetos recentes do Campus. Google Earth com marcações do autor.

térios militares constituindo uma praça autônoma, e os demais ordenados em sequência – todos com área privativa de estacionamento, sendo o último o da Educação, a fim de ficar vizinho do setor cultural, tratado à maneira de parque para melhor ambientação dos museus, da biblioteca, do planetário, das academias dos institutos, etc., setor este também contíguo à ampla área destinada à Cidade Universitária com o respectivo Hospital de Clínicas, e onde também se prevê a instalação do Conservatório (COSTA, 1999).

Nesta longa oração, há uma série de propostas que foram modificadas ou suprimidas. A mais importante modificação, para os nossos interesses, diz respeito ao distanciamento que acabou sendo imposto à “Cidade Universitária”.

Em 1960, o plano elaborado para o Campus da UnB por Lucio Costa desdobrava-se do seu Plano Piloto para Brasília. Nessa proposta inicial de Lucio Costa havia a disposição da frente do Campus para a Via L4, e seu acesso principal fazia-se por essa via (no trecho mais próximo ao Lago Paranoá), desde a Praça Maior; os Institutos e Faculdades localizados em área intermediária; os Serviços Gerais com acesso pela via L3; a área de esportes e residência ficava no extremo norte do Campus, ao longo da via L3; o Campus era estruturado em parcelas, como quadras internas. As morfologias insinuadas constituíam edificações dispersas em subsetores organizados por áreas universitárias. Não havia, como a seguir ocorreu, uma composição dominada por uma ou outra edificação de maior importância. Mas era evidente a importância dada à ocupação da área central da grande gleba, pelo conjunto de quadras universitárias, ao longo de eixos que definiam a Praça Maior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1999.
- NIEMEYER, Oscar. **As curvas do tempo**. Memórias. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. **UnB: Invenção e descaminho**. Coleção Depoimentos, 3º volume. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.
- SALMERON, Roberto A. **A universidade interrompida: Brasília, 1964-1965(a)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.



Índice remissivo

- Arquitetura moderna 11, 12, 15, 21, 39, 49, 55, 64-66, 68-80, 82, 83, 157, 161, 163, 179, 210
- Biblioteca 29, 31, 32, 42, 43, 54, 60, 70, 82, 164, 167-169, 176, 177, 199, 246-249, 258, 263
- Campus universitário 9, 14, 40, 41, 48-50, 53, 55, 162, 235, 246, 255, 257, 260, 270, 274, 276, 278
- contexto urbano 229
- eixo 9, 10, 15, 25, 26, 31, 47, 50, 52, 55, 60, 61, 157, 162, 164, 168, 170, 177, 260-262
- ensino 912, 15, 29, 38-44, 54, 56, 57, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 79, 80, 91, 163, 165, 166, 170, 180, 195, 227, 229, 244, 245, 250, 251, 258, 269-278
- espaço universitário 9, 10, 15, 87, 179, 269, 275
- faculdade de arquitetura 12, 41, 43, 53, 65, 67, 69, 72, 73, 76, 77, 81-83, 160, 181, 187, 196, 198, 201, 203, 244, 261, 278
- ICC (Instituto Central de Ciências) 9-15, 33, 88, 89, 155, 167, 169-174, 177-183, 187, 188, 191-195, 197, 202, 209-213, 215-217, 219, 225-239, 244, 246, 248, 249, 253, 257-262, 274-277
- infraestrutura 11-13, 53, 56, 57, 62, 82, 89, 90, 188, 190, 197, 198, 199, 261
- inovação 14, 16, 40, 44, 59, 68, 80, 190, 217, 239, 256, 256, 259, 261, 269
- Lucio Costa 9, 10, 16, 21-23, 29, 30-33, 51, 78-80, 157, 158, 161-165, 167, 170, 178, 207, 218, 227, 229, 249, 258, 259, 262, 263, 274
- megaestrutura 9, 10, 12, 15, 88, 92, 93, 272-274
- mobilidade 57, 58, 61
- modernidade 10, 11, 16, 72, 179
- Oscar Niemeyer 9, 10, 13, 14, 21, 67, 79-81, 87, 88, 155, 157-159, 161, 165, 167-171, 173-182, 187, 205, 209, 218, 220, 226, 2227, 232, 236, 238, 243, 244, 248, 256, 258, 259, 274, 275

paisagem 10, 13, 23, 29, 31, 32, 58, 59, 78, 93, 156, 157, 209, 225, 226, 229, 232, 238

patrimônio 66, 69, 70, 77, 78, 82, 83, 159, 258

Plano Diretor 14, 55, 58, 61, 62, 82, 218, 235, 256, 257, 260, 274

Praça Maior | Praça Magna 10, 14, 22, 23, 29-33, 163, 164, 167-169, 174, 176-178, 190, 244, 246, 248, 251, 263

processo histórico 22, 27, 72

projeto arquitetônico 247, 274

Reitoria 31, 32, 43, 50, 52, 54, 55, 58, 69, 71, 81, 88, 164, 167, 168, 176, 177, 199, 246, 247, 261

sistema construtivo 70, 90-93, 181, 209

sistema estrutural 89, 219

Crédito das figuras

ACERVOS:

CEPLAN

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

ICC: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Capítulo 7: 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10

Capítulo 8: 7

Arquivo Público do Distrito Federal

ICC: 26, 37, 38, 39

Capítulo 8: 2, 3, 4, 5

Arquivo Central da Universidade de Brasília

Capa, 1 (antes da apresentação), 2 (após a apresentação), 3 (após o último capítulo)

ICC: 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40

Capítulo 8: 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19

Wikimedia Commons

Capítulo 1: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Acervo pessoal de Matheus Gorovitz

Capítulo 1: 28

Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

Capítulo 2: 1, 2, 3, 4

Acervo UFPE

Capítulo 3: 2, 4

IPHAN – PE

Capítulo 3: 3

Plano Diretor Físico – UFPE

Capítulo 3: 5, 10

Acervo Memorial Denis Bernardes – UFPE

Capítulo 3: 6, 7

Acervo FAM/PROPAR/UFRGS

Capítulo 4: 1, 2, 3, 5a, 5b, 12, 13, 14, 15, 8b

Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico – SUINFRA/UFRGS

Capítulo 4: 4, 6, 7, 8a, 9, 10, 11

Acervo PVC/FA/UFRGS

Capítulo 4: 16

Acervo UFMG

Capítulo 5: 1, 4, 5, 6, 10, 11, 12

Prefeitura do Campus

Capítulo 9: 9

Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998) - UnB

Capítulo 11: 1, 2

Google Earth

Capítulo 11: 3

FOTOGRAFIA:

Randal Andrade

ICC: 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Paulo Honorato (ilustração)

Capítulo 1: 1, 2, 17, 18, 23, 24, 25, 26

Maria Cláudia Candeia de Souza

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

Diogo Barretto

Capítulo 3: 8

Lucas Jordano

Capítulo 3: 9

Irineu Breitman

Capítulo 4: 3

Sérgio M. Marques

Capítulo 4: 8b

Carlos Alberto Batista Maciel

Capítulo 5: 2, 3, 7, 8, 9

Junia Mortimer

Capítulo 5: 12

Paola Ferrari

ICC: 1, 2, 3

Elcio Gomes da Silva

Capítulo 8: 1

Juliano Caldas de Vasconcellos

Capítulo 8: 12

Cláudia Amorim

Capítulo 9: 4, 5, 6

Caio Silva

Capítulo 9: 7

Nayanna Nobre

Capítulo 10: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

Adaptado de MELLART, J, Catal Hüyük: A Neolithic Town In Anatolia. New York: McGraw-Hill Book Company, 1967, p. 59, 62 e 127. **Capítulo 1: 1**

Adaptado de Claus Roloff in SMITH, M. Gordon Childe and the Urban Revolution: a historical perspective on a revolution in urban studies. TPR, 80 (1), 2009, p. 9. Disponível em: < [https://www.public.asu.edu/~mesmith9/1-CompleteSet/MES-](https://www.public.asu.edu/~mesmith9/1-CompleteSet/MES-09-Childe-TPR.pdf)

[09-Childe-TPR.pdf](#)>. Acesso em: 21 jan. 2022. **Capítulo 1: 2**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy; TEIXEIRA, Anísio. Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília, 1962, p. 22, p. 25 e p. 33. **Capítulo 1: 16, 19**

CABRAL, Renata Campello. Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista no Recife. Recife: Editora da UFPE, 2006, p. 32. **Capítulo 3: 1**

ROMERO, Marta Adriana Bustos; CLÍMACO, Rosana; ANDRADE. Liza (coord). Avaliação ambiental integrada do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília. Relatório. **Capítulo 9: 1, 8**

QUEIROZ, Claudio J. P. V. Instituto Central de Ciências: Plano de Conclusão e Sistematização de Usos. Brasília. Universidade de Brasília, Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Centro de Planejamento - CEPPLAN. Brasília, 1990. **Capítulo 9: 3**

MODELAGEM TRIDIMENSIONAL:

Elcio Gomes, Juliano Vasconcellos, José Manoel Sánchez
Capítulo 8: 6, 8, 9, 10, 11

SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL:

Programa Sol-Ar
Capítulo 9: 2a, 2b, 4, 5

Projeto, Ensino e Espaço Universitário: o Instituto Central de Ciências (ICC-UnB) e outras arquiteturas

CURRICULUM RESUMIDO DOS ORGANIZADORES:

Luciana Saboia Fonseca Cruz

Professor Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PPGFAU - UnB) e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2019. Foi vice-diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2015-2019) e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (2019-2021). Atua como pesquisadora visitante no laboratório Office for Urbanization da GSD Harvard, EUA, pesquisadora associada ao LOCI, UCLouvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica; ao Laboratoire Infrastructure, Architecture, Territoire - LIAT, ENSA Paris-Malaquais, França. Pesquisa e publica sobre a relação entre paisagem, apropriação social e teoria do projeto com enfoque nas questões sobre modernidade, urbanismo moderno e novas capitais.

Ana Elisabete de Almeida Medeiros

Arquiteta e Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília, SOL/UnB (2002) incluindo um período de estágio no Center of Latin American Studies da University of California Berkeley, CLAS/UC Berkeley (2001). Realizou estudos de pós-doutoramento no Laboratoire PACTE, IUG/IGEA - UPMF e foi pesquisadora visitante no Latin American Centre

da University of Oxford. Pesquisa e publica sobre a preservação do patrimônio cultural e suas interfaces com questões da arquitetura e urbanismo modernos, da teoria e ensino de projeto, tendo buscado aproximações recentes com os campos da ciência política e etnografia. Foi consultora da UNESCO no Escritório Nacional em Brasília, em 2009 e hoje coordena o Projeto de Pesquisa Arquiteturas Impressas, parte do Grupo de Pesquisa Documentação, Modelagem e Preservação do Patrimônio Cultural UnB/CNPq, vinculado ao LabEUrbe (PPG/FAU-UnB), Laboratório de Estudos da Urbe do qual foi fundadora e Coordenadora (2013-2015).

Paola Caliarì Ferrari Martins

Arquiteta e Professora do Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Coordena o Centro de Documentação Edgar Graeff, biblioteca setorial da FAU/UnB (2015). É membro do grupo de pesquisa Topos - Paisagem, Projeto, Planejamento (UnB/CNPQ), e participa da pesquisa Projeto e Representação e Estudos sobre o Projeto de Edificação: ontologia, método e experiência, coordenado pelo prof. dr. Jaime Gonçalves de Almeida. Pesquisa questões relacionadas à concepção e desenvolvimento do projeto de arquitetura, especialmente na temática campus universitário, com interesse na articulação entre o processo de ensino-aprendizagem e o espaço arquitetônico. Está com a tese em elaboração intitulada: “Campus universitário e megaestrutura: o Instituto Central de Ciências e a impermanência da universidade”.

CURRICULUM RESUMIDO DOS AUTORES:

Matheus Gorovitz

Professor titular do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1963), possui mestrado(1989) e doutorado (1996) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; estagio de pós doutorado na Universidade Paris I Sorbonne (2000). Publicou: Brasília, uma questão de escala, Os riscos do projeto e A invenção da Superquadra. Participa do Grupo de

Pesquisa Projeto e Estética sediado na FAU UnB com interesse nas áreas de Projeto e História da Arte e da Arquitetura.

Maria Cláudia Candeia de Souza

Doutora em Arquitetura e Regeneração Urbana pela Universidade de Tóquio. É professora no Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB). Coordena do grupo de pesquisa “Geometria Construtiva: possibilidades na arte e na arquitetura” (FAU-UnB) e atualmente desenvolve pesquisa sobre arte e arquitetura japonesa contemporânea no Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília (NEASIA-UnB).

Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu

Professor titular e diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB-UFRJ) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2016. Arquiteto pela Ecole d'Architecture de Toulouse (1992), é doutor em Ciências da Arquitetura pela Universidade de Nantes (1998) com atuação na Universidade de Columbia em Nova York, e outras instituições como ENSA Marseille, ENSA Paris-Malaquais e Université Paris-Est na França. É diretor do UrCA (Urbanismo, Crítica e Arquitetura) - um grupo de pesquisa que se dedica ao estudo de abordagens alternativas para a cidade contemporânea, com foco especial na urbanização periférica do Sul Global.

Fernando Diniz Moreira

Doutor em Arquitetura pela University of Pennsylvania (2004). É professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi professor visitante na Fu Jen Catholic University, Taiwan (2019), Universidade Técnica de Lisboa (2011) e na University of Pennsylvania (2003-2004), ICCROM Fellow (2008) e Samuel H. Kress Foundation scholar (2003-2004). Bolsista produtividade do CNPQ, coordena o projeto de pesquisa Lugar e Tectônica na Arquitetura Contemporânea com inúmeras publicações no Brasil e exterior. Sua área de interesse reside em teoria e história da arquitetura, história do urbanismo e conservação com experiência profissional em conservação urbana e arquitetônica, tendo participado das equipes dos planos diretores e planos urbanísticos.

Sérgio Moacir Marques

Doutor em Arquitetura Moderna Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor Associado da FA/UFRGS e líder do grupo de pesquisa O ENSINO E A PESQUISA DO PROJETO_A Produção da Arquitetura Moderna e Contemporânea, CNPq/PROPAR. Foi sócio do MooMAA - Moojen & Marques Arquitetos Associados (1987/2019) com projetos premiados e publicados no Brasil e exterior, atua na área de projetos de arquitetura, urbanismo e comunicação visual. Temas de interesse: Ensino do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, Arquitetura Moderna, Arquitetura Contemporânea, Arquitetura Latino-Americana.

Carlos Alberto Batista Maciel

Arquiteto, Doutor em teoria e prática de projeto, professor adjunto da Escola de Arquitetura da UFMG, sócio do escritório Arquitetos Associados. Foi diretor e coordenador geral de projetos do Departamento de Planejamento Físico e Projetos da UFMG entre 2010 e 2013. É fundador do escritório Arquitetos Associados, estúdio colaborativo com prática arquitetônica extensa e reconhecida. Estuda as inserções fortemente influenciadas pela paisagem e suas pré-existências.

Andrey Rosenthal Schlee

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999) e professor Titular da Universidade de Brasília. Foi Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do IPHAN. Dedicou-se à preservação do patrimônio cultural, arquitetura brasileira, arquitetura no Rio Grande do Sul e arquitetura e urbanismo em Brasília, como também às questões relacionadas com a melhoria do Ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Cláudio Oliveira Arantes

Arquiteto e urbanista formado na Universidade de Brasília, atua no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN) da Universidade de Brasília desde 2003.

Elcio Gomes da Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Arquiteto da MGSAR Arquitetos Associados, Analista Legislativo na função

de arquiteto da Câmara dos Deputados e Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. É autor do livro “Os palácios originais de Brasília” (2014). Está vinculado ao projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” integrante do programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Juliano Caldas de Vasconcellos

Doutorando em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Arquitetura. Integra o projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” vinculado ao programa de pós-graduação da FAU/UnB.

José Manoel Morales Sánchez

Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade de Brasília (1979), mestrado em Estruturas - COPPE/UFRJ - Programa de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Estruturas e Construção Civil pela Universidade de Brasília (2003). Foi diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Atualmente é professor associado e do docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo com atuação em temas de pesquisa e ensino de arquitetura e engenharia civil.

Cláudia Naves David Amorim

Arquiteta, Doutora em Tecnologias Energéticas e Ambientais na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, com tese desenvolvida no Politecnico di Milano (Italia) e Bavarian Centre for Applied Energy Research -ZAE Bayern - Wuerzburg (Alemanha). Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB), atual coordenadora do Laboratório de Controle Ambiental (LACAM). com ênfase em sustentabilidade e qualidade ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Iluminação natural, conforto ambiental, eficiência energética, projeto de arquitetura, reabilitação de edifícios e simulação computacional. É a atual Diretora de Pesquisa do Decanato de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília.

Caio Frederico e Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, atualmente é professor associado vinculado ao Departamento de Tecnologia da FAU-UnB desde 2011. Desenvolveu pesquisas na Universidade Nova de Lisboa (UNL, 2016) e na Universidade de Harvard sobre questões de sustentabilidade, eficiência energética e conforto térmico. É pesquisador do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS/UnB e do Laboratório de Controle Ambiental - Lacam/UnB. Hoje é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Guilherme Oliveira Sales

Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. É pós-graduando no curso Reabilita - Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística e integra o grupo de pesquisa “Simulação Computacional do Ambiente Construído” (SiCAC), ambos registrados no programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Reinaldo Guedes Machado

Professor da Universidade de Brasília, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003) sobre o barroco brasileiro com a tese intitulada “O Púlpito luso-brasileiro”. Arquiteto e Artista plástico atua nas áreas História da Arte e da Arquitetura com ênfase no Desenho e Plástica.

Frederico Flósculo Pinheiro Barreto

Arquiteto, Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), atualmente Professor do Departamento de Projeto e Expressão desde 1992. Foi vencedor do Concurso Nacional de Idéias e Estudos Preliminares de Arquitetura e Urbanismo para a Revitalização da Avenida W-3 em Brasília. Com ampla experiência profissional em arquitetura hospitalar e planejamento urbano atua especialmente nas áreas de projeto em arquitetura e urbanismo. É pesquisador do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília.

A Editora UnB é filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Minion Pro e Bebas Neue Pro.

Este livro chegou em boa hora, e tem como foco um objeto extraordinário: o Instituto Central de Ciências (ICC), edifício estruturador do campus da Universidade de Brasília (UnB), projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe. Em abril de 2022, a UnB comemorou 60 anos de existência (1962-2022). O ICC faz parte da história da universidade pública brasileira e foi resultado de uma experiência inovadora de organização universitária aliada ao processo de planejamento espacial e inovação tecnológica construtiva – a pré-fabricação de uma megaestrutura. A proposição foi elaborada por um grupo de educadores, intelectuais e profissionais – arquitetos e engenheiros, principalmente – liderados por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. No livro, o ICC é abordado por diferentes enfoques. Mas chama a atenção o subtítulo discreto de sua capa: “e outras arquiteturas”. Refere-se a uma seção de artigos dedicados a outras universidades nacionais: UFRJ, no Rio de Janeiro; UFPE, em Recife; UFRGS, em Porto Alegre; e UFMG, em Belo Horizonte. Depreende-se da leitura dessa seção fatos intrigantes, por exemplo, a interrupção e posterior abandono de duas experiências de organização institucional universitária: a do campus da UnB e da UFMG. Entretanto, os articulistas não levam em conta as forças nem os atores envolvidos na questão. Porém, a luta atávica pelo poder das corporações da universidade é inquestionável. Temos como consequência a pulverização dos edifícios no campus. O leitor e a leitora encontrarão este e outros fatos acerca do ICC e das outras arquiteturas mencionadas ao longo da obra.

Jaime Gonçalves de Almeida

EDITORA



UnB